

ENTREVISTA ESPECIAL

Entrevista com a Professora Doutora Conceição Lage

Por: Dra. Viviane Pedrazani



158

Doutora em Arqueologia Antropologia Etnologia - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1987/1990). Mestra em Arqueologia (Diplome D'études Aprofondés) - Université de Paris I Panthéon Sorbonne (1986/1987). Especializada em Arqueologia pela UFPI (1983/1984), e Graduada em Química (Licenciatura e Bacharelado) pelas Faculdades de Filosofia Ciências e Letras Oswaldo Cruz (1980), São Paulo - São Paulo, É pesquisadora e conselheira científica da Fundação Museu do Homem Americano (desde 1986) e professora Titular da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueometria e Conservação de Arte Rupestre, atuando principalmente nos seguintes temas: análise químico-mineralógica de pigmentos pré-históricos e depósitos de alteração, intervenção de conservação de sítios arqueológicos, reconstituição de dieta alimentar através da análise química de ossadas humanas pré-históricas, análises de paleosedimentos objetivando identificar marcadores químicos de antigas ocupações humanas, exames e análises de microvestígios arqueológicos, etc. Presidiu a comissão que criou na UFPI a graduação em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, sendo sua primeira coordenadora. Chefe do curso de Graduação em Arqueologia da UFPI de setembro de 2011 a março de 2013. Sub-chefe da Pós-Graduação em Arqueologia da UFPI. Diretora do Centro de Ciências da Natureza de

março de 2013 a março de 2017. Representante do CA de Arqueologia no triênio novembro 2010 a novembro de 2013. Presidente da Associação Brasileira de Arte Rupestre - ABAR por dois mandatos, de Agosto de 2012 a agosto de 2014; e reconduzida por mais dois anos (2014-2016). Membro permanente dos Programas de Pós-Graduação em Química e em Arqueologia. Lidera o grupo de Pesquisa Arqueometria cadastrado no CNPq desde 1991. Orientou 146 alunos de graduação e de Pós-Graduação (77 bolsistas de IC, 13 monografias de Especialização, 29 TCC, 25 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado)

1. A senhora foi uma das pioneiras nas pesquisas arqueológicas no Piauí, gostaríamos de saber como o seu interesse pela área foi despertado? Nos fale um pouco sobre sua trajetória profissional e acadêmica.

R - Eu comecei a trabalhar com arqueologia em 1982, quando eu voltei para morar no Piauí. Porque eu sou daqui, mas morava em São Paulo desde 1975, lá fiz faculdade de Química, casei e tive dois filhos e trabalhava como professora do ensino médio em escolas do estado de São Paulo, era concursada e trabalhava muito. Então cansei daquela vida muito corrida lá de São Paulo e decidi voltar para o Piauí. E aqui quando cheguei foi muito difícil. Principalmente para conseguir emprego e o salário era bem inferior ao de São Paulo. Foi complicada essa época, difícil mesmo, eu vivia deprimida, aí um dia encontrei uma amiga, que não via há muito tempo. Era amiga da época da minha adolescência e ela me falou das pesquisas arqueológicas que estavam sendo realizadas aqui no Piauí a gente se encontrou na universidade. Ela me falou da riqueza e antiguidade arqueológica que estava sendo descoberta no Sudeste do Piauí e que estava indo se inscrever no curso de especialização em Arqueologia que estava sendo ofertado pela UFPI. Ela me aconselhou a fazer o mesmo e eu acatei a ideia. Fui mesmo sem saber muito bem o que era aquilo. E sem muita esperança, mas o resultado foi que fui selecionada, apesar de ter muitos concorrentes, mas acredito que o fato de ser química chamou atenção. Me matriculei e iniciei imediatamente o curso. Me apaixonei por tudo que via e aprendia. Tudo novo para quem vinha da área de Exatas. Logo comecei a ver tudo que eu poderia fazer dentro da arqueologia como química. Inclusive já pensando mesmo na questão dos pigmentos da arte rupestre. Datação dos vestígios arqueológicos. Fiquei empolgadíssima e a cada aula, cada disciplina ficava mais apaixonada e mais interessada no tema. Então para mim foi assim de fato gratificante conhecer Arqueologia. Essa área que era bem distante e diferente, mas escolhi como tema de monografia de final de curso o estudo das superposições de figuras rupestres para ver se tinha diferença nas tintas e estilos. Daí idealizei o tema que deveria realizar o mestrado e o doutorado. Com relação a esses, tentei fazer no Brasil, primeiro na Federal de Pernambuco depois na USP e não consegui porque todo mundo achava muito estranho tanto na Química quanto na Arqueologia. Eu queria estudar pigmentos pré-históricos, então na arqueologia não entendiam por que eu queria colocar química no estudo arqueológico? E o inverso acontecia na Química. Como estudar material arqueológico? Isso não iria dar certo. Então Niède Guidon me aconselhou a ir para a França. E lá deu certo. Primeiro fui passar dois meses para realizar um estágio no laboratório de datação de carbono 14 e depois desse estágio, tive certeza que era o tema que eu deveria estudar. Voltei e me preparei para solicitar uma bolsa de estudos ao governo brasileiro (CAPES e CNPQ), pois poderia ir com toda a família, não mais sozinha para fazer mestrado e doutorado. E foi assim que eu fiz durante quatro anos na França. Minha família era marido, irmã e três filhos, depois eu voltei grávida do quarto. E fiz mestrado e doutorado na área que eu mais queria, ou seja, estudar os pigmentos pré-

históricos das diferentes tradições de arte rupestre e verificar se tinha ou não diferença entre eles.

2. Quais foram os principais desafios dos primeiros arqueólogos no Piauí? E hoje, quais os desafios das pesquisas arqueológicas no estado?

R - Os primeiros trabalhos foram muito difíceis, principalmente porque naquela época não haviam estradas, nem trilhas abertas para acessar os sítios. Tudo era muito difícil. Passávamos o dia inteiro andando, subindo e descendo morros para chegar em um sítio e no percurso sempre encontrávamos muitos animais selvagens, como, onça, cobra, veados, raposas etc. As dificuldades eram enormes porque precisávamos levar material de trabalho, água e alimento. Isso eu falo da região onde hoje é o Parque Nacional da Capivara. Como as distâncias eram grandes sempre dormíamos a céu aberto, entre as árvores. As vezes pegava chuva e passava muito frio a noite. Nos meses de maio, junho, julho e agosto as noites eram bem frias. Lembro que uma vez nós medimos a temperatura e deu 12 graus. Em outras épocas do ano tinha o risco de incêndios. Também muito difícil para os trabalhos de prospecção arqueológica. Outro fato a ressaltar é que naquela época, como era uma região isolada, de difícil acesso a gente encontrava povoados completamente abandonados, isolados e com pessoas doentes, quase sempre mulheres ou crianças, passando por sérias necessidades básicas como falta de alimentos, doenças, falta d'água. Muitas vezes, paramos um trabalho para socorrer pessoas em situação difícil.

Atualmente, os principais desafios da pesquisa arqueológica, quais são? A realidade é outra. Bem diferente mesmo. O estado do Piauí é o único estado brasileiro que tem duas graduações e dois mestrados em Arqueologia em instituições públicas. Fato ocorrido por conta do programa de expansão das Universidades públicas há alguns anos atrás. E o que aconteceu foi a vinda de muitos pesquisadores, muitos arqueólogos para instalarem aqui em Teresina ou em São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí. Observamos que tal fato provocou a ampliação das pesquisas em arqueologia no Estado. Ampliadas também por conta do projeto de aceleração do crescimento do país e com ele a necessidade de se realizar trabalhos de arqueologia de Contrato, objetivando a obtenção de licenciamentos ambientais. Qualquer obra que implique em destruição de uma grande área de mata ou revolvimento de terreno para construção de uma linha de transmissão, de hidrelétricas, de usinas fotovoltaicas, estradas, pontes, viadutos ou mesmo de um loteamento residencial ou comercial. A instalação de qualquer obra impactante se faz um estudo Arqueológico da área e com isso houve uma aceleração no número de trabalhos arqueológicos e aí o grande desafio é justamente que esses trabalhos sejam realizados com o mesmo empenho que uma pesquisa acadêmica, com seus resultados divulgados no meio científico também não fiquem só nos processos de licenciamentos ambientais. Então acho que esse é o nosso maior desafio atual.

3. A senhora poderia nos contar a trajetória da Arqueologia dentro da Universidade Federal do Piauí?

R - Falar um pouco sobre a trajetória da arqueologia na Universidade Federal do Piauí. Podemos dizer que os primeiros trabalhos de arqueologia no Estado do Piauí na realidade foram desenvolvidos pela Universidade Federal do Piauí. Porque a doutora Niède Guidon quando veio fazer a investigação na área que soube da existência de pinturas rupestres na Serra da Capivara veio por Teresina e procurou a UFPI. Na época o reitor era o Professor Camilo Filho, que deu total apoio a ela e contratou como professores ou como técnicos toda a equipe dela, na realidade era a missão franco-brasileira do Piauí. O objetivo era efetuar os trabalhos de arqueologia na Serra da Capivara. Foram oferecidos dois cursos de pós-graduação em Arqueologia, o primeiro em 1978 e o segundo entre 1983 e 1984. Os trabalhos se desenvolveram muitíssimos bem na época do Professor Camilo Filho como reitor. Mas com o passar do tempo e a mudança de reitores não teve continuidade o mesmo apoio. Então ela idealizou e criou em 1986 a Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM em São Raimundo Nonato. Toda a equipe da missão franco-brasileira saiu da Universidade Federal do Piauí e viraram apenas pesquisadores da FUMDHAM e nós alunas da segunda especialização em arqueologia da UFPI passamos a compor o quadro de pesquisadoras da UFPI (1983/1984). Eu a professora Sônia Campelo, aproveitando as vagas deixadas por elas. A professora Vilma Chara continuou professora aqui na UFPI. Então no ano 2000/2001 oferecemos na UFPI a primeira especialização em conservação de Arte Rupestre da América Latina. Foi um sucesso com reconhecimento da UNESCO e uma aluna da Argentina. Em 2002 apresentamos um projeto para criar uma graduação em arqueologia na UFPI, mas infelizmente, não foi aprovada pela Administração Superior da época. Só tendo sido criada em 2007, com a mudança do Reitor. Em 2008 entrou a primeira e em 2009 criamos o programa de pós-graduação em antropologia e arqueologia na UFPI, em nível de mestrado. Em 2012 foram separados em duas pós-graduações distintas, uma de Antropologia e outra de arqueologia. Até hoje as duas existem e existe a intenção de ampliar para ter também o curso em nível de doutorado.

4. As mulheres arqueólogas tem tido grande papel nas pesquisas. Como tem sido sua experiência e de outras companheiras pesquisadoras em desbravar terrenos inóspitos, ambientes hostis e duros desafios na busca de vestígios arqueológicos no Piauí? Nos conte alguma situação peculiar.

R - É de fato, a arqueologia no Piauí foi no início desenvolvida, predominantemente por mulheres. Os primeiros trabalhos tiveram à frente sobretudo mulheres, e os segundos também, eu inclusive fiz parte deste segundo grupo. Posso dizer que não tinha dificuldade de trabalho por só ter mulheres. Tudo acontecia normalmente e isso inclusive me dava muita segurança, muita alegria, de estar convivendo em um ambiente saudável, no qual eu era tratada com respeito, como forte e corajosa e não como frágil. Tudo era exigido igualmente para todas. Inclusive nas inúmeras caminhadas a gente carregava todo o material de trabalho, água para beber, rede e saco de dormir no mato. Havia uma ajuda mútua de modo que ninguém era sobrecarregado, nem outras eram poupadas dos esforços. Toda e qualquer dificuldade era resolvido na hora.

Com relação a situações peculiares vou contar uma que aconteceu comigo. Fomos documentar um sítio que se encontrava a cerca de 23 Km no povoado mais próximo, onde deixávamos o carro. Saímos muito cedo, por volta das quatro horas da manhã e andamos o dia todo, até chegar ao local do sítio por volta das 16 horas. Nos dividimos em duas

equipes. Uma para escavar uma toca e outra para levantar a arte rupestre de um sítio vizinho.

Eu fiquei com a equipe que ia escavar a pequena toca. Estávamos muito cansadas pois tínhamos passado o dia inteiro andando e subindo serra. Iniciamos a escavação em silêncio, sem ninguém falar, quando de repente chega uma onça e dá um violento “urro” que fez todo mundo tremer. Na verdade, ali era o local onde ela dormia e aquele horário, no finalzinho da tarde era a hora que ela ia se recolher, chegou lá e encontrou a furna ocupada, então foi um susto tremendo. Logo nos preocupamos com a outra equipe. Então fomos lá verificar se estava tudo bem. Nos contaram que estavam descansando quando ouviram o barulho de alguém saltando, então acharam que era a Niède e aí deram as costas e continuaram a copiar os painéis rupestres. O tempo passou e nada da Niède chegar, então viraram e viram a onça bebendo água em um caldeirão. Então o que aconteceu foi que a onça após ter saído da furna em estávamos foi justamente no local onde eles estavam a fim de procurar abrigo, então foi uma situação realmente assustadora, mas não teve problema com ninguém a não ser com a onça ela que se assustou bastante e foi embora para um local mais distante, pois não conseguiu dormir no lugar dela. E nós que havíamos preparado um acampamento muito perto dali, passamos a noite toda preocupada, dando apenas pequenos cochilos para descansar. Niède passou a noite alimentando a fogueira para que não apagasse.

5. Professora, como a senhora destacaria o patrimônio arqueológico do Piauí no contexto nacional e mundial?

R - O patrimônio Arqueológico do Estado do Piauí é riquíssimo. E não é só o Arqueológico, mas o natural também. Temos no Norte o delta do Rio Parnaíba e sítios arqueológicos muito próximos à praia como o Quicés e o Letra do Massaranduba. Não conheço outros tão próximos como eles, não de pinturas rupestres. Temos o cânion do Rio Poty com sítios arqueológicos magníficos. No Centro Norte há ainda sítios de gravuras e pinturas no Parque Nacional de Sete Cidades, Piripiri, Piracuruca, São Miguel do Tapuio, Assunção, Milton Brandão, Campo Maior, dentre muitos outros municípios. Todos esses municípios têm uma riqueza arqueológica muito grande, em Teresina, temos a Floresta Fóssil e por isso é conhecida como a capital do permiano pelos paleontólogos, pois esta floresta fóssil está em posição de vida e data do período Permiano, ou seja, anterior aos dinossauros na terra. O Sudeste é marcado pela imponente Serra da Capivara com muita riqueza arqueológica e pleontológica também. E não só ela, mas há muito próximo marcas de geleiras que existiram na época das glaciações. Então perguntamos, qual é o outro estado brasileiro que tem uma riqueza tão grande? É compatível com outras regiões no Mundo e por isso, tem potencial para desenvolver um turismo internacional. Desde que os espaços sejam preparados para que esse fim, garantindo que os patrimônios sejam preservados. Além de todo o patrimônio natural e cultural descrito há ainda o histórico, comportando fazendas do século 19, as quais são muito bem preservadas e trazem histórias magníficas da época de colonização em nosso Estado. Então tudo isso é possível incluir para promover um turístico científico, associando todos esses patrimônios.

6. Que tipo de vestígios são mais encontrados nos sítios arqueológicos do Piauí?

R - O tipo de vestígios arqueológicos mais encontrados no Piauí é sem dúvida a arte rupestre. Tanto sítios de pinturas quanto de gravuras rupestres. Os de pintura tem adição de tintas, e aqui temos sítios com diferentes cores e tonalidades, como vermelho claro, médio e escuro, marron, preto, cinza, amarelo, branco e até azul. Os de gravuras são aqueles em baixo relevo, realizados com material mais duro que o suporte rochoso. E temos aqui algo que é muito interessante, que são gravuras pintadas ou pinturas gravadas. Esses dois tipos de grafismos são bem curiosos, e juntos são bem pouco comuns. Há também vestígios líticos lascados e/ou polidos, cerâmicos, vidros, louças e faianças típicas de sítios históricos. Como já falei na questão anterior, além dos sítios arqueológicos há também um rico patrimônio paleontológico. Com espécies novas identificadas por paleontólogos da Universidade Federal do Piauí.

7. A Serra da Capivara é um importante ponto turístico do Piauí, com fama mundial. A senhora acredita que o potencial arqueológico do nosso estado pode contribuir para o desenvolvimento turístico-econômico de outras cidades piauienses? Que locais a senhora destacaria?

R - A riqueza arqueológica da Serra da Capivara é enorme. Tanto do ponto de vista natural, beleza do ambiente, do lugar e o fato de haver essa união de duas formações geológicas. Bem como a variedade e antiguidade das ocupações humanas na região da Serra Capivara. Além de conhecer a variedade da megafauna que ali habitava. Então concentra a união de dois aspectos fundamentais que são a riqueza arqueológica e paleontológica e a chance de ter muitas pesquisas interdisciplinares há mais de 40 anos. Por exemplo, se você pega um único sítio arqueológico como o BPF, veja quantas teses de doutorado e dissertações de Mestrado saíram dali? São muitas, centenas ou até mais mesmo, de pesquisadores e universidades do mundo inteiro. Então é difícil você ter um outro local que concentre essa riqueza de investigação no mesmo lugar. Locais com riqueza arqueológica no Piauí temos muitos, como por exemplo, a região do Cânion do Poti, os municípios de Buriti dos Montes, Castelo do Piauí, Juazeiro do Piauí, São Miguel do Tapuio, Assunção, Milton Brandão, Sete Cidades, Piripiri, Campo Maior, Boa Hora, Inhuma, Serra das Confusões e muitos outros. Todos têm muito potencial, mas é preciso se realizar pesquisas como acontece na Serra da Capivara, buscando informações sobre os diferentes tipos e idades das ocupações humanas e a dispersão dos diferentes tipos de sítios arqueológicos. Com certeza teriam também reconhecimento internacional.

8. Professora, qual o balanço que a senhora faz sobre a preservação do patrimônio arqueológico do Piauí?

R. O balanço que faço sobre a preservação do patrimônio Arqueológico do Piauí é o seguinte. Como já falamos aqui temos um patrimônio Arqueológico riquíssimo. Há uma grande quantidade de sítios arqueológicos e de diferentes tipos e idades. Há sítios com pinturas e gravuras rupestres. Além de líticos, cerâmicos ou de ocupações históricas. Inclusive fazendas coloniais, mas são poucos os que têm trabalho de manutenção. Apenas alguns que estão no interior dos parques nacionais. Mais especificamente os do Parque da Serra da Capivara que têm trabalho permanente de manutenção. Inclusive nós mesmo trabalhamos lá e formamos equipes de auxiliares técnicos em conservação para trabalhar nos sítios daquele parque. Infelizmente esta não é a situação da maioria dos sítios arqueológicos do Piauí. Poucos foram os trabalhos desenvolvidos. Apenas alguns

pontuais em sítios do Parque Nacional de Sete Cidades e dos municípios de Castelo do Piauí, Buriti dos Montes e, agora mais recentemente Inhumas, nos quais o IPHAN do Piauí e as prefeituras ofereceram condições para que a disciplina de Prática de Conservação acontecesse naqueles municípios. Forneceram alojamento e alimentação para toda a turma. Trata-se de uma disciplina obrigatória na graduação de Arqueologia da UFPI e é quando o aluno vai para o campo e de fato, executa, sob a supervisão do professor, trabalhos de conservação em um sítio de arte rupestre. Agora se a gente fizer uma avaliação do que temos como sítios arqueológicos no Estado, cerca de dois mil, apenas, no máximo 10% deles estão sendo trabalhados e os demais estão de fato abandonados. Por sorte uma boa parte deles tem o acesso muito difícil, então são pouco visitados e assim ficam protegidos, mas outros não e, a situação é bem complicada, tendo inclusive sítios que já foram praticamente destruídos. Uma situação muito grave e que precisa ser mudada.

9. Gostaríamos que a senhora deixasse uma mensagem para aqueles que têm interesse em enveredar para a Arqueologia.

R - O recado que eu gostaria de deixar para quem tem interesse em se formar e atuar na área de arqueologia é o seguinte. É muito gratificante a gente conhecer a nossa história, o nosso passado, saber de onde viemos. E principalmente buscar formas de preservar esse patrimônio que temos no nosso estado. Ele é que nos dá condições de entender como chegamos aqui e é uma forma de desenvolvimento e sustentabilidade de nosso lugar. Uma coisa importante é que o arqueólogo precisa se desvincular totalmente da sua vida pessoal, dos seus costumes e hábitos. Tem que deixar de lado toda e qualquer ideia pré-concebida, qualquer pré-conceito, como o nome já diz você não pode chegar com uma ideia construída. O conceito de determinadas reações e comportamentos não podem ser usados. Se livre e desnude de tudo isso para poder conhecer bem a história ou a pré-história de grupos humanos que aqui viveram antes da chegada do colonizador. Também é muito importante ser bastante estudioso, quando for trabalhar em uma determinada área, nunca deixe de ler nada a respeito dela. A geologia, as plantas, os animais, a história e a etno-história do lugar. O Brasil estava ocupado quando os europeus colonizadores chegaram, portanto busque informações sobre os grupos humanos que ocupavam aquela região no passado. Então é um conjunto de informações que a gente precisa ter sobre a mesma área e, sobretudo, ter em mente essa necessidade de preservação do lugar e do patrimônio, saber que o patrimônio ali não é nosso apenas, mas é de todos, inclusive de quem ainda está por vir, de futuros habitantes. A nossa responsabilidade com a preservação deles é enorme. Agora um último e importante conselho! Seja qual for a área da arqueologia que você for atuar, adote conjuntamente os procedimentos da Arqueologia Pública ou da Arqueologia Social Inclusive. Construa os conhecimentos sempre conjuntamente com os habitantes atuais dos locais onde for trabalhar.